

ARTIGO ORIGINAL

FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS ASSOCIADOS A NÃO LONGEVIDADE E LONGEVIDADE EM IDOSOS NO BRASIL

SOCIODEMOGRAPHIC FACTORS ASSOCIATED WITH NO LONGEVITY AND LONGEVITY IN OLDER PEOPLE IN BRAZIL

Eloah Costa de Sant Anna Ribeiro Ribeiro¹ Luana Teixeira Ghiggino² Andréa Abdala Frank Valentim³
Karina Cardoso Meira⁴ Paulo Cesar Pereira de Castro Júnior⁵ Aline Alves Ferreira⁶

¹ Graduada em Nutrição. Mestre em Nutrição. Doutoranda em Ciências Nutricionais pela UFRJ. E-mail: eloahcsr@gmail.com

² Graduada em Nutrição. Mestranda em Nutrição pela UFRJ. E-mail: ghigginoluana@gmail.com

³ Graduada em Nutrição. Doutora em Nutrição. E-mail: andreaabdalafk@gmail.com

⁴ Graduada em Enfermagem. Doutora em Epidemiologia. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte vinculada a Escola de Saúde. E-mail: karina.meira@ufrn.br

⁵ Graduado em Nutrição. Doutor em Epidemiologia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro vinculado ao Instituto de Nutrição Josué de Castro. E-mail: paulocastro@nutricao.ufrj.br

⁶ Graduada em Nutrição. Doutora em Epidemiologia. Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro vinculada ao Instituto de Nutrição Josué de Castro. e-mail: alineaf@nutricao.ufrj.br

Resumo

Trata-se de um estudo transversal com microdados da Pesquisa de Orçamentos Familiares 2018, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A variável dependente do estudo foi não longevidade (60-79 anos - sim ou não), e as variáveis independentes foram sexo, faixa etária, raça/cor da pele, renda, macrorregião, local de residência, quantidade de moradores no domicílio e recebimento de pensão e/ou aposentadoria. A amostra foi composta por 26.199 indivíduos idosos. Foi realizada associação entre a variável dependente e as independentes através da regressão logística múltipla. Todas as análises consideraram o desenho de amostra complexa da amostra através do software STATA 16.0. O maior percentual de longevos (80 anos ou mais) foi observado nas regiões Nordeste (16,11%) e Sudeste (14,61%). Maior chance de ser classificado como não longo (60-79 anos) esteve associado a ser da raça/cor da pele preta e parda, residir em moradia com mais de um morador e não receber pensão ou aposentadoria. Em contrapartida, as mulheres, os indivíduos com menor escolaridade e residentes no Nordeste e Sudeste mostraram menor chance de não serem idosos longevos. Os resultados reforçam o papel das condições sociodemográficas no envelhecimento da população brasileira.

PALAVRAS-CHAVE

Idoso. Envelhecimento. Desigualdades Sociais. Inquéritos Epidemiológicos.

Abstract

Cross-sectional study with micro data from the 2018 Household Budget Survey, carried out by the Brazilian Institute of Geography and Statistics. The dependent variable of the study was non-longevity (60-79 years – yes or no), and the independent variables were gender, age group, race/skin color, income, macro-region, place of residence, number of residents in the household and receipt of pension and/or retirement. The sample consisted of 26,199 elderly individuals. The association between the dependent and independent variables was performed using multiple logistic regression. All analyzes considered the complex sample design of the sample through the STATA 16.0 software. The highest percentage of long-lived elderly (80 years or more) was observed in the Northeast (16.11%) and Southeast (14.61%) regions. A greater chance of being classified as not long-lived (60-79 years old) was associated with being of black and mixed race/skin color, living in a house with more than one resident and not receiving a pension or retirement. On the other hand, women, individuals with less education and residents in the Northeast and Southeast showed a lower chance of not being the oldest old. The results reinforce the role of sociodemographic conditions in the aging of the Brazilian population.

KEYWORDS

1 Introdução e objetivo

O envelhecimento populacional é considerado um fenômeno, sendo um processo influenciado principalmente pelas taxas de natalidade e de mortalidade, impactou na estagnação no crescimento populacional do país, e diminuição da população em idade ativa, e como consequência ocorreu o envelhecimento significativo da estrutura etária no país (Fernandes et al., 2019; Oliveira, 2019).

O desenvolvimento econômico e o processo de modernização das sociedades corroboraram para o início desta transição demográfica no Brasil nos primeiros anos do século XX (Vasconcelos & Gomes, 2012). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2004 a 2015 o contingente da população idosa no país passou de 9,8% para 14,3% (Navarro et al., 2015). Sendo o segmento etário em maior crescimento no país. Segundo o último censo demográfico, realizado em 2022, os idosos não-longevos, entre 60 e 79 anos, representavam cerca de (preciso calcular) 9,3% da população brasileira, enquanto os longevos, com 80 anos ou mais, representavam, aproximadamente 1,5% (IBGE, 2010). A projeção para 2050 é que o percentual de idosos longevos chegue a 6,7% da população, e o número de idosos com mais de 80 anos pode passar de 19 milhões em 2060 (IBGE, 2013; Lisboa, 2016).

O processo do envelhecimento é marcado por inúmeras injustiças sociais, com dificuldade na garantia dos direitos humanos e problemas no acesso à saúde, e isto ocorre pois, no Brasil houve uma rápida transição demográfica sem alteração na distribuição de renda e um processo de urbanização, e busca por melhores condições de vida no Sudeste (Oliveira, 2019; Fernandes, 2019). A Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2018 apontou que o processo de envelhecimento é heterogêneo em razão das acentuadas desigualdades regionais, que estão relacionadas a questões sociais. As diferenças regionais podem ser determinantes nas desigualdades socioeconômicas e demográficas entre a população idosa (Ribeiro et al., 2022). Além disso, a possibilidade de uma pessoa possuir um envelhecimento saudável está relacionada às características sociais, funcionais e mentais vivenciadas ao longo do período de vida (Brasil, 2013).

As desigualdades sociais já marcadas entre idosos no Brasil tendem a se acentuar em indivíduos com mais de 80 anos (Veras & Oliveira, 2018; Ribeiro et al., 2022). Indivíduos com mais de 80 anos tendem a apresentar maior vulnerabilidade em diferentes aspectos, tanto na perspectiva fisiológica e principalmente social (Rocha & Bós, 2020). Com isso, há um sobrecarga nos sistemas de saúde público e privado, a diminuição da renda e o acentuamento das desigualdades e das iniquidades em saúde (Miranda et al., 2016).

Não obstante, idosos considerados longevos ainda constituem um segmento etário que pouco se conhece no Brasil, principalmente as características sociodemográficas e econômicas.

2 Objetivo

Compreender o perfil e as características específicas nesta faixa etária é de extrema importância na promoção da saúde e da qualidade de vida. Diante disso, o objetivo do trabalho foi avaliar as desigualdades socioeconômicas e demográficas de idosos longevos e não longevos do Brasil, com base nos resultados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) realizada entre julho de 2017 e junho de 2018.

3 Métodos

Trata-se de um estudo transversal, de base populacional, realizado a partir dos microdados da última Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), um dos inquéritos populacionais mais importantes no Brasil. A POF foi realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre julho/2017 a junho/2018 (12 meses).

A POF é uma pesquisa nacional que possui um delineamento transversal e robusto, pois avalia os domicílios brasileiros, assim como as estruturas de consumo, de gastos, de rendimentos e parte da variação patrimonial das famílias, oferecendo um perfil das condições de vida da população a partir da análise dos orçamentos domésticos (IBGE, 2019a).

3.1. Plano amostral e participantes

A POF utilizou um plano amostral complexo, por conglomerados, com sorteio dos setores censitários, obtidos a partir dos dados do Censo Demográfico 2010, em um primeiro estágio, e de domicílios em um segundo. Sendo assim, a população selecionada é considerada uma amostra representativa da população brasileira (IBGE, 2019). Pela amostra, pode-se fazer inferência para as cinco macrorregiões do Brasil (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste), para as 26 Unidades da Federação e para as nove regiões metropolitanas e as capitais dos estados em relação à zona urbana (IBGE, 2020).

Foram selecionados 75.000 domicílios, mas ao final da coleta de dados foram analisados 57.920 domicílios de todas as regiões do Brasil, por meio de entrevistas presenciais realizadas por entrevistadores treinados (IBGE, 2020). Realizaram-se estimativas ponderadas, considerando o desenho amostral e os ajustes necessários para compensar a não resposta das unidades incluídas (IBGE, 2019a). A metodologia da pesquisa, incluindo a seleção amostral, os procedimentos de coleta de dados, a consistência dos dados, as técnicas de expansão para amostras complexas e aspectos éticos, estão descritos em português na publicação no site do IBGE (IBGE, 2019a).

Para conduzir o estudo, foram considerados arranjos domiciliares que possuíam como o chefe de família idoso com idade de 60 anos ou mais, respeitando a classificação e definição de pessoa idosa no Brasil segundo critérios do Estatuto da Pessoa Idosa e da Política Nacional da Pessoa Idosa (Brasil, 2010; Brasil, 2013). O *checklist Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology* (Strobe) foi usado para auxiliar na condução da pesquisa e relato dos resultados obtidos (Malta, 2010).

3.2. Instrumentos

A POF incluiu 07 questionários de coleta de dados, incluindo informações gerais sobre o domicílio e moradores, bens e serviços, trabalho e renda individual, condições de vida e consumo individual de alimentos. O presente estudo utilizou informações dos moradores e suas características socioeconômicas e demográficas. Foram utilizados os bancos disponíveis na base de dados da POF, com as informações do morador e domicílio, contidas no questionário 01. Além de dados sobre os rendimentos, contidas no questionário 05 (IBGE, s.d.).

3.4. Variáveis

A variável dependente avaliada foi não longo (sim/não). As variáveis independentes foram: a) sexo do idoso, homem ou mulher; b) cor/raça da pele – categorizado em branca, preta e parda; c) anos de estudo (sem escolaridade, até 8 anos, e 9 anos ou mais); d) as macrorregiões do Brasil: Norte (N), Nordeste (NE), Centro-oeste (CO), Sudeste (SE) e Sul (S); e) situação do domicílio, urbano ou rural; f) número de moradores no domicílio, g) classificação econômica: renda per capita, expressa em faixas de salários mínimos (SM); h) presença de aposentadoria e pensões (derivada de pública, privada e INSS).

3.5. Análise de dados

As prevalências de cada variável foram estimadas segundo a faixa etária de idoso longevos e não longevos. Na análise exploratória foram realizadas por média, erro padrão (EP) e teste T-student para a verificação da diferença significativa entre médias para as variáveis quantitativas. Para as variáveis categóricas foram obtidos os percentuais e os respectivos intervalos de confiança ao nível de 95% (IC95%). Foi utilizado o teste do qui-quadrado para avaliar a associação entre as variáveis. A regressão múltipla foi realizada pelo modelo de regressão logística, iniciando-se por meio da escolha de potenciais fatores associados com análises

univariadas. As variáveis com valor de $p \leq 0,20$ foram candidatas iniciais para compor o modelo final, utilizando-se stepwise-forward não otimizado (Hosmer & Lemeshow, 1989).

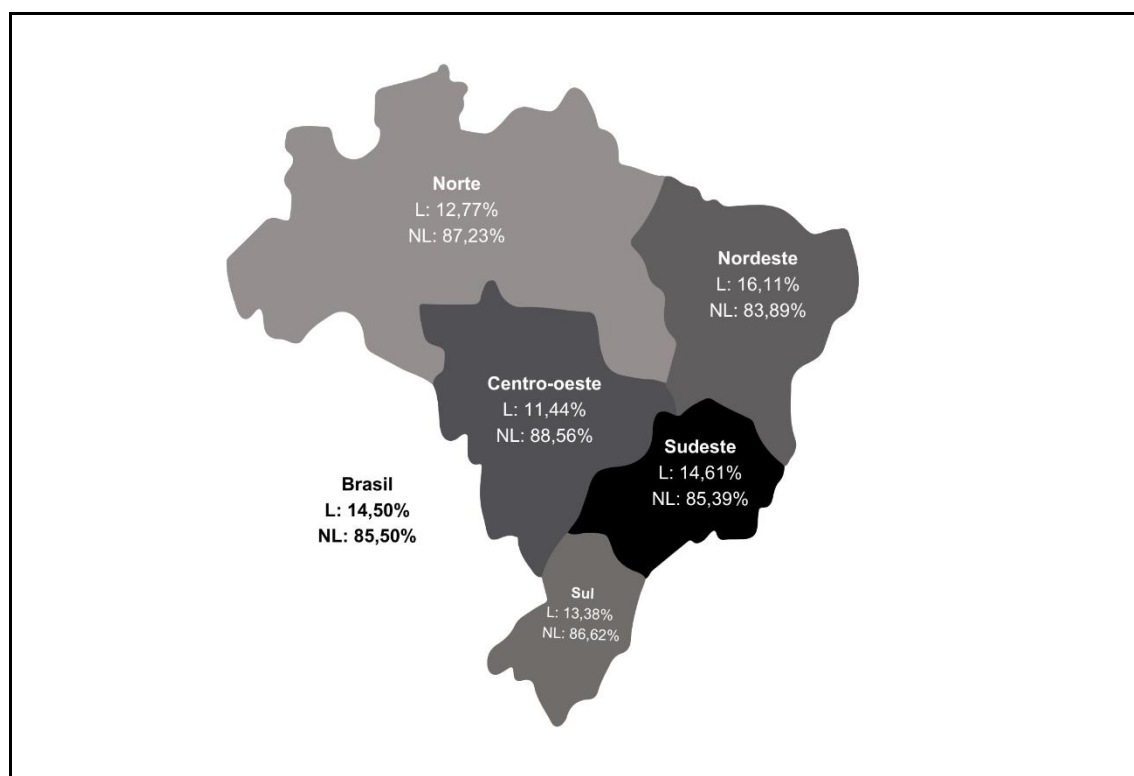
Após inclusão e exclusão de variáveis adicionadas na ordem de maior a menor significância com o desfecho, testou-se a significância de interações entre variáveis que se mantiveram ao longo do processo. A comparação do ajuste dos modelos foi realizada por meio do Critério de Informação de Akaike (AIC) (Hosmer & Lemeshow, 1989). A escolha do modelo final considerou plausibilidade epidemiológica e biológica, além da significância estatística ao nível de 5%, com estimativa das associações com base na Razão de Chance ajustada (OR) e nos intervalos de confiança de 95% (Hosmer & Lemeshow, 1989).

Todas as estimativas, intervalos de confiança, testes de diferenças para proporções e médias, assim como o modelo de regressão considerou os pesos amostrais e os fatores de expansão fornecidos pelo IBGE, foram executados por meio do software STATA versão 16.0 utilizando o comando *Survey Data Analysis* (prefixo svy).

4 Resultados

Dentre os indivíduos analisados na POF 2018, 26.199 (15%) foram considerados como pessoas idosas, ou seja, com 60 anos ou mais (Brasil, 2013). Dentre estes, 14,5% ($n = 3.753$) foram considerados idosos longevos, ou seja, com 80 anos ou mais. A média de idade de idosos brasileiros foi de 69,9 anos ($EP \pm 0,08$), com idade mínima de 60 anos e máxima de 111 anos. Os idosos de 60 a 79 anos obtiveram maior média de renda per capita de R\$2641,86 ($EP \pm 85,69$) e 6,5 anos de estudo ($EP \pm 0,07$). A partir dos 80 anos a média de renda per capita caiu para R\$2495,98 ($EP \pm 88,91$) e para 4,3 anos de estudo ($EP \pm 0,12$). Essas médias foram estatisticamente significativas ao nível de 5% de significância (p -valor $< 0,05$) (dados não apresentados em tabela). Na figura 1, notou-se que a distribuição de indivíduos idosos não-longevos e longevos foi diferente nas macrorregiões do Brasil.

Figura 1. Distribuição de idosos não-longevos e longevos nas macrorregiões do Brasil. Pesquisa de Orçamentos Familiar 2018.



Legenda: L= Longevos (80 anos ou mais de idade). NL = Não-longevos (60 a 79 anos de idade). %= Porcentagem.
Fonte: Pesquisa de Orçamentos Familiares, 2018. Elaborado pelos autores.

No Brasil, as maiores médias de idade foram em idosos do sexo feminino, da raça/cor da pele branca, com mais de 8 anos de estudo, residindo no Nordeste e na área rural do Brasil. As maiores médias de idade entre idosos longevos encontram-se na região Norte, com domicílios com 2 moradores, renda per capita maior que 3 SM (**tabela 1**).

Tabela 1. Média e erro-padrão da idade de idosos brasileiros longevos (80 anos ou mais de idade) e não longevos (60 a 79 anos de idade), segundo características socioeconômicas e demográficas. Pesquisa de Orçamentos Familiar 2018.

Variáveis		Brasil	Longevos	Não longevos
		Média (EP) ¹	84,9 (±0,10)	67,4 (±0,06)
Sexo	Masculino	69,5 (±0,11)	84,7 (±0,13)	67,3 (±0,08)
	Feminino	70,3 (±0,10)	85,0 (±0,13)	67,5 (±0,07)
Raça/cor da pele	Branca	70,4 (±0,12)	84,9 (±0,13)	67,7 (±0,09)
	Preta	69,3 (±0,20)	85,0 (±0,21)	67,1 (±0,16)
	Parda	69,6 (±0,11)	84,7 (±0,13)	67,3 (±0,82)
Anos de estudo	> 8 anos	67,9 (±0,14)	84,5 (±0,23)	66,3 (±0,09)
	1 a 8 anos	70,1 (±0,12)	84,6 (±0,14)	69,1 (±0,11)
	Sem escolaridade	73,3 (±0,16)	85,4 (±0,15)	67,7 (±0,08)
Macrorregião	Sul	69,7 (±0,17)	84,3 (±0,18)	67,4 (±0,13)
	Norte	69,7 (±0,27)	85,5 (±0,29)	67,4 (±0,16)
	Nordeste	70,5 (±0,11)	85,3 (±0,15)	67,6 (±0,08)
	Sudeste	69,9 (±0,14)	84,7 (±0,18)	67,4 (±0,10)
	Centro-oeste	69,3 (±0,21)	84,6 (±0,29)	67,3 (±0,17)
Situação do domicílio	Urbano	69,9 (±0,92)	84,9 (±0,11)	67,4 (±0,06)
	Rural	70,2 (±0,15)	84,9 (±0,22)	67,6 (±0,11)
Número de moradores no domicílio	1 morador	71,3 (±0,19)	84,6 (±0,17)	68,5 (±0,14)
	2 moradores	70,0 (±0,13)	85,3 (±0,15)	67,7 (±0,09)
	3 ou mais moradores	69,5 (±0,11)	71,3 (±0,19)	66,8 (±0,08)
Renda per capita	> 3 SM ²	69,9 (±0,20)	85,1 (±0,26)	67,2 (±0,13)
	1 a 3 SM ²	70,4 (±0,11)	84,8 (±0,11)	67,8 (±0,08)
	< 1 SM ²	69,1 (±0,14)	84,7 (±0,13)	66,8 (±0,10)
Aposentadoria ou pensão	Sim	70,8 (±0,09)	84,9 (±0,10)	68,1 (±0,06)
	Não	66,3 (±0,17)	85,1 (±0,23)	64,8 (±0,11)

¹ER = Erro Padrão; ²SM = salários-mínimos. Considerado o valor de R\$954,00 (novecentos e cinquenta e quatro reais), vigente em 15 de janeiro de 2018, data de referência da pesquisa.

Fonte: Pesquisa de Orçamentos Familiares, 2018. Elaborado pelos autores.

Verificou-se maior percentual de idosos longevos entre as mulheres, raça/cor da pele branca, residentes nas regiões Nordeste e Sudeste, nos idosos sem escolaridade, com residências com apenas um morador e naqueles que recebiam aposentadoria ou pensão. Não houve diferença estatisticamente significativa para as variáveis renda per capita ($p=0,090$) e situação do domicílio ($p=0,082$). Após a estimação do modelo múltiplo, permaneceram associados a não longevidade (sim/não) as seguintes variáveis sexo, anos de estudo, macrorregião de residência, número de moradores no domicílio e receber pensão e/ou aposentadoria (**tabela 2**).

Tabela 2. Características demográficas de indivíduos idosos brasileiros longevos (80 anos ou mais de idade) e não longevos (60 a 79 anos de idade). Pesquisa de Orçamentos Familiar 2018.

Variáveis		Idosos brasileiros		p-valor
		Longevos	Não longevos	
		% ¹ (95% IC) ²	% ¹ (95% IC) ²	
Sexo	Masculino	12,73 (11,87 – 13,64)	87,27 (86,36 – 88,13)	0,000
	Feminino	15,88 (15,04 – 16,75)	84,12 (83,25 – 84,96)	
Raça/cor da pele	Branca	15,82 (14,77 – 16,92)	84,18 (83,08 – 85,23)	0,000
	Preta	12,21 (10,68 – 13,93)	87,79 (86,07 – 89,32)	
	Parda	13,05 (12,21 – 13,95)	86,95 (86,05 – 87,79)	
Anos de estudo	> 8 anos	8,56 (7,57 – 9,67)	91,44 (90,33 – 92,43)	0,000
	1 a 8 anos	14,35 (13,41 – 15,34)	85,65 (84,66 – 86,59)	
	Sem escolaridade	25,57 (23,99 – 27,23)	74,43 (72,77 – 76,01)	
Macrorregião	Sul	13,38 (12,07 – 14,81)	86,62 (85,19 – 87,93)	0,001
	Norte	12,77 (10,56 – 15,37)	87,23 (84,63 – 89,44)	
	Nordeste	16,11 (15,19 – 17,08)	83,89 (82,92 – 84,81)	
	Sudeste	14,61 (13,42 – 15,88)	85,39 (84,12 – 86,58)	
	Centro-oeste	11,44 (10,03 – 13,01)	88,56 (86,99 – 89,97)	
Situação do domicílio	Urbano	14,46 (13,71 – 15,15)	85,54 (84,75 – 86,29)	0,820
	Rural	14,63 (13,45 – 15,89)	85,37 (84,11 – 86,55)	
Número de moradores no domicílio	1 morador	17,68 (15,92 – 19,59)	82,32 (80,41 – 84,08)	0,000
	2 moradores	13,64 (12,61 – 14,75)	86,36 (85,25 – 87,39)	
	3 ou mais moradores	14,18 (13,28 – 15,13)	85,82 (84,87 – 86,72)	
Renda per capita	> 3 SM	14,77 (13,24 – 16,44)	85,23 (83,56 – 86,76)	0,090
	1 a 3 SM	14,94 (14,05 – 15,88)	85,06 (84,12 – 85,95)	
	< 1 SM	13,13 (12,00 – 14,34)	86,87 (85,66 – 88,00)	
Aposentadoria ou pensão	Sim	16,02 (15,26 – 16,82)	83,98 (83,18 – 84,74)	0,000
	Não	7,36 (6,17 – 8,75)	92,64 (91,25 – 93,83)	

Legenda: ¹% = porcentagem; ²95% IC = 95% Intervalo de confiança; ³SM = salários-mínimos. Considerado o valor de R\$954,00 (novecentos e cinquenta e quatro reais), vigente em 15 de janeiro de 2018, data de referência da pesquisa.

Fonte: Pesquisa de Orçamentos Familiares, 2018. Elaborado pelos autores.

Apresentaram menor chance de não serem longevos (60-79 anos), os indivíduos com menor escolaridade (OR=0,55, $p<0,05$), nenhuma ou 1 a 8 anos (OR=0,27, $p<0,05$). Residentes na macrorregião Nordeste (OR=0,74, $p<0,05$) mostraram menor probabilidade de ser não longo vivo sem relação aos residentes na região Sul (**tabela 3**).

Tabela 3. Regressão Logística de variáveis socioeconômicas e demográficas em indivíduos idosos brasileiros longevos (80 anos ou mais de idade) e não longevos (60 a 79 anos de idade). Pesquisa de Orçamentos Familiar 2018.

Variáveis		Idosos Longevos					
		Modelo bruto ²			Modelo ajustado ³		
		OR	95%IC	p-valor	OR	95%IC	p-valor
Sexo	Masculino	1,00 ¹			1,00 ¹		
	Feminino	0,77	0,70 – 0,84	0,000			
Raça/cor da pele	Branca	1,00 ¹			1,00 ¹		
	Preta	1,35	1,13 – 1,60	0,001	1,59	1,32 – 1,91	0,000
	Parda	1,25	1,12 – 1,39	0,000	1,49	1,31 – 1,69	0,000
Anos de estudo	> 8 anos	1,00 ¹			1,00 ¹		
	1 a 8 anos	0,55	0,23 – 0,31	0,000	0,42	0,36 – 0,49	0,000
	Sem escolaridade	0,27	0,48 – 0,64	0,000	0,18	0,15 – 0,22	0,000
Macrorregião	Sul	1,00 ¹			1,00 ¹		
	Norte	1,05	0,82 – 1,34	0,669	0,82	0,61 – 1,09	0,178
	Nordeste	0,80	0,70 – 0,92	0,002	0,74	0,63 – 0,87	0,000
	Sudeste	0,90	0,77 – 1,05	0,195	0,81	0,69 – 0,97	0,022
	Centro-oeste	1,19	0,99 – 1,44	0,063	1,04	0,84 – 1,8	0,712
Situação do domicílio	Urbano	1,00 ¹			1,00 ¹		
	Rural	0,98	0,87 – 1,10	0,820			
Número de moradores no domicílio	1 morador	1,00 ¹			1,00 ¹		
	2 moradores	1,36	1,26 – 1,58	0,000	1,48	1,25 – 1,73	0,000
	3 ou mais moradores	1,30	1,12 – 1,50	0,000	2,04	1,72 – 2,41	0,000
Renda per capita	> 3 SM	1,00 ¹			1,00 ¹		
	1 a 3 SM	0,98	0,85 – 1,13	0,000			
	< 1 SM	1,14	0,97 – 1,34	0,000			
Aposentadoria ou pensão	Sim	1,00 ¹			1,00 ¹		
	Não	2,40	1,97 – 2,92	0,000	2,55	2,10 – 3,10	0,000

Legenda: ¹ Categoria de referência de cada variável; ² p –valor>0.05; ³ p –valor>0.01. A categoria de referência selecionada foi indivíduos idosos com 80 anos ou mais.

Fonte: Pesquisa de Orçamentos Familiares, 2018. Elaborado pelos autores.

Em contrapartida, ser da raça/cor parda (OR=1,49, p<0,05) ou preta (OR=1,59, p<0,05) mostrou maior chance de não ser longo (60-79 anos) em relação à branca. Ademais, os indivíduos residentes em domicílios com mais de um morador tiveram menor chance de serem longevos em relação aos que vivem em domicílios com apenas 1 morador, assim como os que não recebiam aposentadoria ou pensão (OR=2,55, p<0,05) (tabela 3).

5 Discussão

Os resultados do presente estudo evidenciam que a longevidade possui um perfil sociodemográfico e condições de vida relacionadas às desigualdades sociais pré-existent no Brasil. O papel deste conjunto de desigualdades no envelhecimento da população brasileira repercute no crescimento populacional diferentes

entre as macrorregiões do país. Além disso, analisou-se uma maior chance de ser classificado como não longoesteve associado a ser da raça/cor da pele preta e parda, aos indivíduos com menor escolaridade, e residentes no Nordeste. Ao contrário, a maior chance de possuir longevidade teve relação com o número de moradores no domicílio, como também do recebimento da aposentadoria e/ou pensão.

A literatura destaca as características sociais como preditores de um envelhecimento ativo e saudável (Gontijo *et al.*, 2022). Diante disso, as demandas direcionadas às necessidades dos idosos devem ser avaliadas à luz das desigualdades do país e das transformações na estrutura demográfica e epidemiológica do país, que implicam em distintos contextos complexos, principalmente aqueles associados à vulnerabilidade da pessoa idosa longaeva.

A longevidade pode ser considerada como um ganho dos programas e políticas públicas, entretanto, o aumento do número dos idosos com 80 anos ou mais na população intensifica a necessidade da melhor análise e classificação da sua qualidade de vida, caso contrário, impactará negativamente no vínculo social e familiar, na capacidade funcional e no bem-estar (Brasil *et al.*, 2021).

No Brasil, entre 1940 e 2017, a expectativa de vida aumentou uma média de 30 anos de idade (Cardoso *et al.*, 2019). De acordo com dados do IPEA e IBGE, em 1940, era de 45,5 anos, em 1960, era de 52,5 anos, em 1991, era de 67 anos, e em 2007, passou a ser 72,6 anos e em 2018, atingiu a média de 76,2 anos (IBGE, 2010; IBGE, 2018). Além disso, segundo o censo demográfico de 2000, indivíduos com 60 anos ou mais correspondiam a 8,6% da população total (cerca de 14 milhões), e em 2014, os idosos já representavam 13,7% da população brasileira – 27,8 milhões de pessoas com 60 anos ou mais (IBGE, 2010; IBGE, 2018). De acordo com a Projeção da População, divulgada em 2018 pelo IBGE, o Brasil tem mais de 28 milhões de pessoas idosas, número que representa 13% da população do país, e esse percentual tende a dobrar nas próximas décadas (IBGE, 2010; IBGE, 2018).

Apesar da necessidade de se compreender melhor os idosos considerados longevos no Brasil, deve-se considerar que o processo de envelhecimento não é homogêneo. Os impactos das desigualdades sociais tendem a ser muito maiores, pois a longevidade e qualidade de vida são influenciadas por fatores biopsicossociais, como as condições econômicas, acesso à saúde, local de moradia, discriminações relacionadas ao sexo e cor ou raça, e dentre outros fatores (Brasil, 2013; Ribeiro *et al.*, 2022; Novais *et al.*, 2016).

As mudanças fisiológicas, psicológicas e sociais no envelhecimento ocorrem para todos. No entanto, existe um predomínio de mulheres em relação aos homens entre os idosos, como pode ser evidenciado nos resultados da presente pesquisa, principalmente nos longevos, refletindo questões de autocuidado, educação moral e sexualidade, como por exemplo (Fernandes *et al.*, 2019; Rocha *et al.*, 2017). Apesar da maior longevidade percebida nas mulheres, elas apresentam maior expectativa de vida com Incapacidade Funcional comparadas aos homens, em todas as idades e macrorregiões do Brasil (Camargos *et al.*, 2019). As relações de gênero estruturam toda a sociedade e influenciam o acesso a recursos e oportunidades. Segundo outros estudos, a mulher idosa, mesmo vivendo por mais tempo, a sua trajetória é marcada por iniquidades sociais, como a baixa escolarização e com consequente baixo nível de qualificação profissional (Fernandes *et al.*, 2019; Rocha *et al.*, 2017; Maximiano-Barreto *et al.*, 2019).

O processo de envelhecimento também está relacionado às questões associadas a desigualdades raciais. No presente estudo, pretos e pardos são classificados como idosos não longevos em relação aos brancos. A população negra brasileira (pretos e pardos) está frequentemente associadas, independente da faixa etária, aos piores indicadores sociais e condições de vida, menores níveis de renda e escolaridade (Silva *et al.*, 2015), iniquidades históricas devido ao processo de escravização dessa população que se mantém até os dias atuais (Santos, 2022). Essa constatação é extremamente importante, considerando que as desigualdades

sociorraciais impactam as condições econômicas e de acesso da pessoa idosa negra apresenta-se como uma situação cronificada na sociedade (Silva *et al.*, 2015; Santos, 2022).

Nessa direção, estudo realizado pelo IBGE com dados da PNAD de 2018 (Pesquisa por Amostra de Domicílios) discutiu as desigualdades sociais por raça/cor no Brasil, evidenciou profundas iniquidades raciais entre brancos e negros (IBGE, 2019b). O percentual de pessoas negras vivendo com menos de 5 dólares por dia foi 2,16 vezes maior que o verificado na população branca. Ainda a taxa de desocupação entre os negros foi 1,86 vezes maior que a da população branca. No que diz respeito aos indicadores de saúde há taxa de homicídio em homens negros é 10,1 vezes maior que a dos brancos, e nas mulheres a razão de taxas foi 5,2 (IBGE, 2019b). Em relação à faixa etária, observou-se menor chance de ser classificado como um idoso não longo em indivíduos com menor escolaridade. A baixa escolaridade nos longevos pode estar relacionada ao contexto histórico, no século XX, período de nascimento e infância dos atuais longevos, onde existia uma limitação de acesso à rede escolar (Fernandes *et al.*, 2019). Palma e colaboradores (2018) encontraram resultados semelhantes, no que diz respeito à escolaridade do idoso. Enquanto os mais jovens apresentaram uma escolaridade mais elevada, os longevos tendem a maiores proporções de declarados sem escolaridade (Palma, 2018). Ressalta-se que a baixa escolaridade e analfabetismo são fatores que comprometem o nível do entendimento do idoso, também sendo uma limitação para o seu acesso às informações e garantia dos seus direitos básicos (Farias & Santos, 2012).

No que se refere às macrorregiões, existe uma maior prevalência de idosos longevos no Centro-Oeste, como também em região urbana. Esta situação pode estar relacionada às melhores condições de vida oferecidas nestas localidades, sendo descrito como um determinante para um envelhecimento ativo e saudável (Ribeiro *et al.*, 2022; Bós *et al.*, 2018).

Dentre outros reflexos da desigualdade, residentes do meio rural enfrentam uma realidade de menor concentração de renda, oportunidades de trabalho e condições de vida, como maiores dificuldades de acesso à serviços de saúde e aos alimentos. A falta de políticas públicas que subsidiem a vida e a permanência nos campos influencia no vazio demográfico, principalmente na evasão dos mais jovens. Entretanto, são apontados movimentos contrários desta população, que ao chegarem na faixa etária de meia-idade e idosa, retornam para o rural (IBGE, 2023; Fernandes *et al.*, 2019; Bós *et al.*, 2018). Por outro lado, também se discute sobre uma melhor capacidade funcional, devido às oportunidades de participação e movimentação entre o idoso e a terra, além da maior segurança alimentar pela disponibilidade de alimentos colhidos (Martin *et al.*, 2005), sendo uma hipótese para existência de considerável proporção de longevos nessas localidades.

No entanto, é importante salientar que após o ajuste do modelo múltiplo não se constatou menor chance do idoso ser classificado como não longo na região Centro-Oeste, e a variável local de residência (rural/urbano) não se manteve associada ao desfecho (não longo (sim/não)). Mantiveram-se associadas à probabilidade do idoso não ser classificado como longo nas regiões Nordeste e Sudeste. Os residentes nessas regiões tiveram menor chance de serem classificados como não longevos em relação aos residentes nas regiões Sul. Corroborando os resultados da análise bivariada que identificou maior prevalência de idosos longevos nas regiões Nordeste (16,11%) e Sudeste (14,61%).

O alto percentual de longevos na região Sudeste era esperado por essa localidade apresentar o maior desenvolvimento socioeconômico e maior rede de atenção à saúde do Brasil, e por essa região ter apresentado um dos mais acelerados processo de transição demográfica e urbanização do país (Vasconcelos & Gomes, 2012). Contudo os resultados apresentados pelo Nordeste merecem ser avaliados com cautela, pois essa região apresenta alta vulnerabilidade socioeconômica, iniquidades em saúde históricas, com maiores taxas de incidência e mortalidade por doenças negligenciadas e barreiras no acesso aos serviços de saúde, apresentando menor expectativa de vida ao nascer que as regiões Sul e Sudeste (Simões *et al.*, 2021; Viacava *et al.*, 2018).

Além disso, os idosos brasileiros longevos precisam de um suporte social em sua residência, devido à dificuldade da elaboração das atividades diárias sozinhos. A presença de um acompanhante, principalmente cônjuge ou familiares pode potencializar a saúde e engajamento social principalmente dos longevos (Navarro *et al.*, 2015; Maximiano-Barreto *et al.*, 2019). No entanto, a presença de um familiar no domicílio não é sinônimo de segurança para o idoso, estudos têm evidenciado violência física, econômica e patrimonial sendo praticadas por familiares contra os idosos, o que pode interferir em sua situação de saúde e longevidade. Os dados da POF 2018 evidenciaram que os idosos que vivem com mais de 1 morador no domicílio têm maior chance de não ser longo, possivelmente porque a renda domiciliar do idoso tem redução importante, não é rara situações em que o idoso sustenta a família e agregados com a sua aposentadoria e pensão (Lino *et al.*, 2019).

Neste contexto, a situação socioeconômica desempenha um papel central na determinação das condições de vida dos indivíduos e populações, e a existência das desigualdades nas faixas etárias mais velhas aumenta os esforços para a garantia dos direitos humanos da pessoa idosa, assim como o envelhecimento ativo (Lima-Costa & Barreto, 2003). Ao analisar a POF de 2008/2009, Pereira e colaboradores (2016) verificaram que a estabilidade de renda gera efeitos positivos nas condições de moradia e acesso aos serviços de saúde, principalmente nos maiores estratos de faixa etária (Pereira *et al.*, 2016).

Em 2017, observou-se que a distribuição de renda no Brasil era maior entre indivíduos com mais de 60 anos de idade, e ainda, estudos de base populacional mostraram um baixo impacto das desigualdades sociais sobre o indivíduo idoso (Bós *et al.*, 2018; Boehs & Silva, 2018). Esses resultados podem ser explicados devido ao recebimento da aposentadoria e pensões; à elaboração de políticas sociais; ao viés de sobrevivência, onde os indivíduos mais pobres possuem maior mortalidade; à exclusão de idosos institucionalizados; e à melhoria do acesso aos serviços de saúde (Lima-Costa & Barreto, 2003; Boehs & Silva, 2018). Além disso, as maiores proporções de recebimento de aposentadoria e/ou pensão para os idosos longevos pode ser visto como um fator protetor para o acesso à serviços de atenção especializada para suas necessidades, proporcionando, possivelmente, uma melhor condição de vida (Pereira *et al.*, 2016).

Os resultados desse estudo devem ser analisados com cautela, devido ao viés de sobrevivência que pode estar presente em estudos transversais, em que os fatores associados à sobrevivência serão mais prevalentes nos casos, pois as informações sobre a variável dependente e as independentes são coletadas ao mesmo tempo. Outro contraponto diz respeito a esse estudo foi a exclusão dos idosos que vivem em instituições, seria importante avaliar a existência de diferenças de perfil socioeconômico entre esses idosos e os que vivem no domicílio.

No entanto, em que pese às limitações, o presente estudo apresenta como contribuição o ineditismo dos resultados, dado que são poucos os estudos semelhantes ao desenho, propósito e população de estudo (especificamente idosos longevos e não longevos). Ainda, o estudo utilizou indicadores que fornecem um panorama dos perfis de idosos jovens e longevos, contribuindo para a ampliação do conhecimento sobre essa temática. Porém, algumas limitações podem ser apontadas, como o viés de sobrevivência que tende a reduzir as associações encontradas entre as variáveis (Lima-Costa & Barreto, 2003). Todavia, podem-se obter informações de como os fenômenos sociais as principais desigualdades entre as diferentes gerações de idosos, fatores que estão relacionados aos tipos de hierarquias sociopolíticas e distinções marcantes na riqueza.

Entretanto, vale ressaltar que as investigações relacionadas ao indivíduo idoso e o processo do envelhecimento estão relacionadas a desafios, devido à complexidade entre os diversos fatores etiológicos (Aliberti & Oliveira, 2020). A realidade do envelhecimento brasileiro e as mudanças que este processo ocasiona na sociedade como um todo, mostra-nos a importância de estudos e pesquisas voltadas a este público para

que estratégias de governo sejam traçadas embasadas num maior conhecimento da sociedade e dos desafios que ela enfrenta.

As ações e programas voltados à pessoa idosa asseguram a vida, alimentação, saúde, lazer, cultura, cidadania, dignidade, respeito e entre outros direitos, sendo também dependentes das condições de suporte familiar e comunitário, assim como de interesse da sociedade e do poder público. Apesar das garantias adquiridas ao longo dos anos, ainda existem diversas iniquidades sociais na garantia do suporte ao idoso na garantia do processo do envelhecimento com dignidade (Mafra *et al.*, 2013; Brasil, 2022).

Sendo assim, o conhecimento sobre as reais necessidades das pessoas idosas são fundamentais para o planejamento de ações adequadas à sua situação. A investigação dessas características neste grupo etário representa um determinante para promover a qualidade de vida e envelhecimento ativo para futuras intervenções de políticas e programas sociais voltadas à longevidade.

6 Conclusão

A longevidade é acompanhada por características e contextos sociais e econômicos marcantes, onde as melhores condições de vida podem contribuir no envelhecimento de grupos populacionais específicos, como autodeclarados brancos, mulheres e aqueles que recebem pensão ou aposentadoria. A disponibilidade de renda continua sendo apontada como um dos principais fatores que contribuem para o envelhecimento de uma pessoa, principalmente num cenário de inflação dos preços e um valor de salário-mínimo e aposentadoria insuficiente para o acesso e garantia de bens e serviços.

Debater as desigualdades entre idosos longevos ainda é desafiador. Apesar dos avanços, pouco se discute sobre o perfil do envelhecimento, principalmente de idosas brasileiras com idades mais avançadas. Espera-se, portanto, contribuir para movimentos sociais, ensino/pesquisa e no planejamento de ações e políticas públicas direcionadas às necessidades específicas.

Referências

ALIBERTI, Márlon Juliano Romero.; OLIVEIRA, Robson Rocha de. Network analysis and aging: a new look at research in older adults. **Geriatrics, Gerontology and Aging**, Rio de Janeiro, v. 14., n. 1., p. 2-4, 2020.

BOEHS, Samantha de Toledo Martins.; SILVA, Narbal. Papel de trabalho, carreira, satisfação de vida e ajuste na aposentadoria. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 141-153, 2017.

BÓS, Ângelo José Gonçalves *et al.*. Diferenças no perfil socioeconômico e de saúde de idosos do meio rural e urbano: pesquisa nacional de saúde, 2013. **Geriatrics, Gerontology and Aging**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 148-153, 2018.

BRASIL, Carlos Henrique Guimarães *et al.*. Autopercepção positiva de saúde entre idosos não longevos e longevos e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 5157–5170, 2021.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional do Idoso**. Lei nº 8.842, de janeiro de 1994. 1ª edição, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso / Ministério da Saúde** - 3. ed., 2. reimpr. - Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 70 p. ISBN 978-85-334-1845-5.

CAMARGOS, Mirela Castro Santos *et al.*. Estimativas de expectativa de vida livre de incapacidade funcional para Brasil e Grandes Regiões, 1998 e 2013. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 737–747, 2019.

CARDOSO, Eliana; DIETRICH, Thais Peres; SOUZA, André Portela. **Envelhecimento da população e desigualdade**. Brazilian Journal of Political Economy, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 23–43, 2021.

FARIAS, Rosemeri Geremias; SANTOS, Silvia Maria Azevedo dos. Influência dos determinantes do envelhecimento ativo entre idosos mais idosos. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 167–176, 2012.

FERNANDES, Daiane de Souza *et al.*. Avaliação da capacidade funcional de idosos longevos amazônidas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 72, n. 29, p. 49–55, 2019.

GONTIJO, Cristina Franco *et al.*. Associação longitudinal entre capital social e incapacidade funcional em uma coorte de idosos residentes em comunidade. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 6, p. e00142021, 2022.

HOSMER, David; LEMESHOW, Stanley. **Applied Logistic Regression**. New York: John Wiley, 1989, 307 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo demográfico : 2010 : famílias e domicílios : resultados da amostra - 2010**. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/97/cd_2010_familias_domicilios_amostra.pdf>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil - 2019b**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018: primeiros resultados - 2019a**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101670.pdf>>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018: POF 5 - questionário de trabalho e rendimento individual: condições de vida e hábitos de consumo das famílias brasileiras - [s.d.]**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos_de_coleta/doc5565.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2010-2060 - 2018**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101597.pdf>>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico 2022 - População por idade e sexo: pessoas de 60 anos ou mais de idade**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102038.pdf>>. Acesso em: 06 de fev. de 2024.

LIMA-COSTA, Maria Fernanda; BARRETO, Sandhi Maria. Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 12, n. 4, p. 189-201, 2003.

LINO, Valéria Teresa Saraiva *et al.*. Prevalência e fatores associados ao abuso de cuidadores contra idosos dependentes: a face oculta da violência familiar. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 87–96, 2019.

LISBOA, Vinícius. **IBGE: número de idosos com 80 anos ou mais deve crescer 27 vezes de 1980 a 2060 – 2016**. Disponível em: <[MAFRA, Simone *et al.*. O Envelhecimento Nas Diferentes Regiões Do Brasil: Uma Discussão A Partir Do Censo Demográfico 2010. **Anais do Congresso Internacional De Envelhecimento Humano: Avanços Da Ciência E Das Políticas Públicas Para O Envelhecimento**. Campina Grande: 2013.](https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-10/brasil-tera-19-milhoes-de-idosos-com-mais-de-80-anos-em-2060-estima-ibge#:~:text=O%20n%C3%BAmero%20de%20idosos%20com,faixa%20et%C3%A1ria%20(684.789%20pessoas)>”. Acesso em: 23 jun. 2023.</p></div><div data-bbox=)

MALTA, Mônica *et al.* STROBE: subsídios para a comunicação de estudos observacionais. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 559–565, 2010.

MARTIN, Gilberto Berguio; *et al.* Aspectos demográficos do processo de envelhecimento populacional em cidade do sul do Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 14, n. 3, p. 85-90, 2005.

MAXIMIANO-BARRETO, Madson Alan *et al.* A feminização da velhice: uma abordagem biopsicossocial do fenômeno. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, Sergipe, v. 8, n. 2, p. 239–252, 2019.

MIRANDA, Gabriella Moraes Duarte *et al.* Population aging in Brazil: current and future social challenges and consequences. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 507–519, 2016.

NAVARRO, Joel Hirtz do Nascimento *et al.* Percepção dos idosos jovens e longevos gaúchos quanto aos espaços públicos em que vivem. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 461-470, 2015.

NOVAIS, Marta Moreira *et al.* Avaliação de indicadores de desempenho funcional de idosos longevos residentes em domicílio. **Arquivos de Ciência da Saúde**, Paraná, v. 23, n. 3, p. 67–72, 2016.

OLIVEIRA, Anderson Silva. Transição Demográfica, Epidemiológica e Envelhecimento Populacional no Brasil. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, Uberlândia, v. 15, n. 32, p. 69–79, 2019.

PALMA, Shelly Westphalen. **Determinantes do comportamento alimentar de idosos jovens e longevos do Rio Grande do Sul**. 2018. 68 p. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2018.

PEREIRA, Ingrid Freitas da Silva *et al.* Estado nutricional de idosos no Brasil: uma abordagem multinível. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 5, p. e00178814, 2016.

RIBEIRO, Eloah de Sant’anna *et al.* Social inequalities among Brazilian older adults: a secondary cross-sectional analysis of a national survey. **Geriatrics, Gerontology and Aging**, Rio de Janeiro, v. 16, 330–9, 2022.

ROCHA, Josemara de Paula *et al.* Relação entre funcionalidade e autopercepção de saúde entre idosos jovens e longevos brasileiros. **Saúde e Pesquisa**, Maringá, p. 283–291, 2017.

ROCHA, Josemara de Paula; BÓS, Ângelo José Gonçalves. **Perfil dos idosos e longevos do Brasil: análise da pesquisa nacional de saúde - IBGE 2013**. Porto Alegre: Dados eletrônicos – EDIPUCRS, 2020.

SANTOS, Ynaê Lopes. **Racismo Brasileiro**. São Paulo: Editora Todavia, 2022.

SILVA, Sabrina Piccinelli Zanchettin; MARIN, Maria José Sanches; RODRIGUES, Márcia Renata. Living and health conditions of elderly people over 80. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 42–48, 2015.

SIMÕES, Tayanã César. *et al.*. Prevalências de doenças crônicas e acesso aos serviços de saúde no Brasil: evidências de três inquéritos domiciliares. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 9, p. 3991–4006, 2021.

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; GOMES, Marília Miranda Forte. Transição demográfica: a experiência brasileira. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 21, n. 4, p. 539-548, 2012.

VERAS, Renato Peixoto; OLIVEIRA, Martha. Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 1929–1936, 2018.

VIACAVA, Francisco *et al.*. SUS: oferta, acesso e utilização de serviços de saúde nos últimos 30 anos. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 1751–1762, 2018.

Submissão: 22/08/2023

Aceite: 09/02/2024

Como citar o artigo:

RIBEIRO, Eloah Costa de Sant Anna Ribeiro et al. Fatores sociodemográficos associados a não longevidade e longevidade em idosos no Brasil. **Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 29, e134979, 2024. DOI: 10.22456/2316-2171.134979

